



Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela na qual cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na internet (para "Busca em arquivos da internet") ou do arquivo de entrada com outro arquivo em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais"). A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de Similaridade dos arquivos sendo comparados. Quanto maior a quantidade de termos comuns, maior a similaridade entre os arquivos. É importante destacar que o limite de 3% representa uma estatística de semelhança e não um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade maior do que 3% e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas. Para cada par de arquivos, apresenta-se uma comparação dos termos semelhantes, os quais aparecem em vermelho.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)



Relatório gerado por: tathianecristino@gmail.com

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011/01/olhar-negro-esmeralda-ribeiro.html	134	2,54
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://www.flew.art.br/post/poemas-de-esmeralda-ribeiro	135	2,54
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://diversaslinguagens.files.wordpress.com/2013/06/cadernos-negros-discussc3a3o-questc3b5es.pdf	161	2,39
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://www.pensador.com/frase/MjcxMDI3Mw	122	2,35
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://www.pensador.com/autor/esmeralda_ribeiro	130	2,23
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011	150	1,92
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X http://files.portalcursouniversitario.webnode.com.br/200000042-1897119914/Cadernos negros UFBA.doc	142	1,35
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://kukalesa.wordpress.com/tag/poesia-afrobrasileira	148	1,32
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://pt.scribd.com/document/214821665/antologiapoetasnegras-corpotexto	1	0,01
Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx X https://gramho.com/explore-hashtag/olharesnegros	- - Parece que o site desse link está indisponível no momento. HTTP response code: 500 - Server returned HTTP response code: 500 for URL: https://gramho.com/explore-hashtag/olharesnegros	



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx \(5058 termos\)](#)

Arquivo 2: <https://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011/01/olhar-negro-esmeralda-ribeiro.html> (351 termos)

Termos comuns: 134

Similaridade: 2,54%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <https://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011/01/olhar-negro-esmeralda-ribeiro.html>

=====
VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história por meio de vozes deixadas à margem da sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando por meio de seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de alguns de seus poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória **negra na literatura** nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar **da mulher negra** que, por meio de versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro e contra a mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência.
(Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar em todas as formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julguem que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, entre os quais o da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm,



o direito à criatividade e à palavra silenciada.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e é preciso que clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por tê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, **no sentido de** afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta de uma mãe e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou do grupo Quilombhoje, estreando na literatura em 1990, com diversas obras publicadas na série Cadernos Negros. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.



Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):

DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos que o poema é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social **da mulher negra**, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que a mulher negra é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataulfo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a **da mulher negra** como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos senhores de escravos e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção



identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo da mulher negra, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro do grupo Quilombhoje. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra e a luta contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar o poder de construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes de que o marco nunca é zero, e, apesar de sermos um novo começo, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).



Assim como as outras poetisas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder.

Um momento bastante significativo para a Literatura afro-brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os Cadernos negros, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos *Malungos e Milongas*, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, *Orukomi – meu nome*, de 2007, e há três décadas é coautora dos Cadernos Negros, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em *Cadernos Negros: os melhores poemas*, de 1998.

OLHAR NEGRO

Nafragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,

Tem
Pe
Da



Ços

mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Nafragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher



Tem

Pe

Da

Ços,

mas

não desisto

vou

atravessando o meu oceano

vou

navegando

vou

buscando meu

olhar negro

perdido no azul do tempo

vou

vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos 5 (nº de sílabas poéticas)

de mim 2

sob o poente 3

mas, 1

vou me recompondo 5

com o Sol 3

nascente, 2

Já o refrão permanece estático:

Tem 1

Pe 1

Da 1



Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:

mas, 1
diante da vítrea lâmina 6
do espelho, 2
vou 1
refazendo em mim 5
o que é belo 3

Naufragam fragmentos 5
de mim 2
na coca 2
mas, junto os cacos, reinvento 7
sinto o perfume de um novo tempo 10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado pelo eu lírico. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alçar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu-lírico **da mulher negra** demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstróem com a chegada do novo dia: **“Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”**. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: **“Mas, diante da vítrea lâmina**



do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “**tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões**”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] **tem fragmentos no feminismo procurando** o meu olhar, mas **seguindo com a certeza de** ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “**mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vôo**”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Proкуро
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).



À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo instaurado no poema é criado por meio de versos curtos, e a ideia de angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. O eu-lírico comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra o quanto o eu-lírico está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se a partir do uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente de luta e de resistência, uma vez que o eu-lírico projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar o que é seu, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos a partir de um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro e, ainda que se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão de qualquer maneira.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada do eu-lírico. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: o que o eu-lírico deseja encontrar?

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, o eu-lírico se vê por meio de um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas o desejo de luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. O eu-lírico não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o



cansaço do eu-lírico diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu povo do interminável ciclo de violência e marginalização.

Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo de luta e insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo e se esconde cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, o eu-lírico consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito do seu povo é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. O eu-lírico reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão de todos os sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos com o seu, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetisas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetisas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado do negro, os trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. São Paulo: Quilombhoje, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, Escritora Afro brasileira. [S. l.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.



BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.

CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press, U.S, 1 edition. 2008.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.

MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.

SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the



margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx \(5058 termos\)](#)

Arquivo 2: <https://www.flew.art.br/post/poemas-de-esmeralda-ribeiro> (383 termos)

Termos comuns: 135

Similaridade: 2,54%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <https://www.flew.art.br/post/poemas-de-esmeralda-ribeiro>

=====
VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história por meio de vozes deixadas à margem da sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando por meio de seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de alguns de seus poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória **negra na literatura** nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar **da mulher negra** que, por meio de versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro e contra a mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência.
(Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar em todas as formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julgam que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, entre os quais o da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm, o direito à criatividade e à palavra silenciada.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa



patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e é preciso que clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por tê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, no sentido de afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta de uma mãe e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou do grupo Quilombhoje, estreando na literatura em 1990, com diversas obras publicadas na série *Cadernos Negros*. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.

Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):



DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos que o poema é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social **da mulher negra**, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que a mulher negra é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataulfo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a **da mulher negra** como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos senhores de escravos e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os



valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo **da mulher negra**, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro do grupo Quilombhoje. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra e a luta contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer **no Brasil e** ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar o poder de construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes de que o marco nunca é zero, e, apesar de sermos um novo começo, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).

Assim como as outras poetisas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às



mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder

Um momento bastante significativo para a Literatura afro-brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação **da mulher negra na literatura**. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os Cadernos negros, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos Malungos e Milongas, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, Orukomi – meu nome, de 2007, e há três décadas é coautora dos Cadernos Negros, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em **Cadernos Negros: os melhores poemas**, de 1998.

OLHAR NEGRO

**Naufragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,**

**Tem
Pe
Da
Ços**



mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Nafragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher

Tem
Pe



Da
 Ços,

 mas
 não desisto
 vou
 atravessando o meu oceano
 vou
 navegando
 vou
 buscando meu
 olhar negro
 perdido no azul do tempo
 vou
 vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos	5 (nº de sílabas poéticas)
de mim	2
sob o poente	3
 mas,	 1
 vou me recompondo	 5
com o Sol	3
nascente,	2

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1

Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:



mas,	1
diante da vítrea lâmina	6
do espelho,	2
vou	1
refazendo em mim	5
o que é belo	3
Naufragam fragmentos	5
de mim	2
na coca	2
mas, junto os cacos, reinvento	7
sinto o perfume de um novo tempo	10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado pelo eu lírico. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de **Esmeralda Ribeiro** percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alcançar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu-lírico **da mulher negra** demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstróem com a chegada do novo dia: **“Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”**. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: **“Mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”**. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se



afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “**tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões**”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] **tem fragmentos no feminismo procurando** o meu olhar, mas **seguindo com a certeza de** ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “**mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vô**”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Procuro
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).

À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo



instaurado no poema é criado por meio de versos curtos, e a ideia de angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. O eu-lírico comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra o quanto o eu-lírico está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se a partir do uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente de luta e de resistência, uma vez que o eu-lírico projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar **o que é** seu, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos a partir de um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro e, ainda que se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão de qualquer maneira.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada do eu-lírico. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: o que o eu-lírico deseja encontrar?

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, o eu-lírico se vê por meio de um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas o desejo de luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. O eu-lírico não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o cansaço do eu-lírico diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu povo do interminável ciclo de violência e marginalização.



Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo de luta e insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo e se esconde cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, o eu-lírico consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito do seu povo é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. O eu-lírico reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão de todos os sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos com o seu, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetisas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetisas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado do negro, os trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. São Paulo: Quilombhoje, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, Escritora Afro brasileira. [S. l.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.

BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.



CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press, U.S, 1 edition. 2008.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.

MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.

SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version



of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against and black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#) (5058 termos)

Arquivo 2: <https://diversaslinguagens.files.wordpress.com/2013/06/cadernos-negros-discussc3a3o-questc3b5es.pdf> (1821 termos)

Termos comuns: 161

Similaridade: 2,39%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

<https://diversaslinguagens.files.wordpress.com/2013/06/cadernos-negros-discussc3a3o-questc3b5es.pdf>

=====
VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história por meio de vozes deixadas **à margem da** sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando por meio de seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de **alguns de seus** poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória negra na literatura nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar **da mulher negra** que, por meio de versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro **e contra a** mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência.
(Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar em todas as formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julguem que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, entre os quais o da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto **à mulher negra** pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm,



o direito à criatividade e à palavra silenciada.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e é preciso que clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por tê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e **do poder**. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, no sentido de afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam **a identidade negra** e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta de uma mãe e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou **do grupo Quilombhoje**, estreando na literatura em 1990, com diversas obras publicadas na série Cadernos Negros. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.



Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):

DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos que o poema é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social **da mulher negra**, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que a **mulher negra é** figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataulfo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a **da mulher negra** como mulher forte e guerreira, que **tem consciência de que** não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, **o eu lírico** acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos senhores de escravos e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção



identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele **um processo de** afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo **da mulher negra**, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro **do grupo Quilombhoje**. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra e a luta contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar o poder de construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes de que o marco nunca é zero, e, apesar de sermos um novo começo, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).



Assim como as outras poetisas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder

Um momento bastante significativo para a Literatura afro-brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os Cadernos Negros, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos Malungos e Milongas, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, Orukomi – meu nome, de 2007, e há três décadas é coautora dos Cadernos Negros, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em Cadernos Negros: os melhores poemas, de 1998.

OLHAR NEGRO

Nafragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,

Tem
Pe
Da



Ços

mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Nafragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher



Tem
Pe
Da
Ços,

mas
não desisto
vou
atravessando o meu oceano
vou
navegando
vou
buscando meu
olhar negro
perdido no azul do tempo
vou
vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos 5 (nº de sílabas poéticas)

de mim 2
sob o poente 3

mas, 1

vou me recompondo 5
com o Sol 3
nascente, 2

Já o refrão permanece estático:

Tem 1
Pe 1
Da 1



Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:

mas, 1
diante da vítrea lâmina 6
do espelho, 2
vou 1
refazendo em mim 5
o que é belo 3

Naufragam fragmentos 5
de mim 2
na coca 2
mas, junto os cacos, reinvento 7
sinto o perfume de um novo tempo 10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado **pelo eu lírico**. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança **do eu-lírico**, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. **O eu-lírico** expressa a ideia **de um ser** que é feito de “pedaços”, isso aparece **ao longo do** poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alçar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida **pelo eu-lírico**, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, **o eu-lírico da mulher negra** demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstróem com a chegada do novo dia: **“Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”**. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: **“Mas, diante da vítrea lâmina**



do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “**tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões**”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] **tem fragmentos no feminismo procurando** o meu olhar, mas **seguindo com a certeza de** ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do **poema o eu-lírico** demonstra toda a sua capacidade de resistência: “**mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vôo**”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Proкуро
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).



À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo instaurado **no poema** é criado por meio de versos curtos, e a ideia de angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. **O eu-lírico** comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra o quanto **o eu-lírico** está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se a partir do uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente de luta e de resistência, uma vez que **o eu-lírico** projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar **o que é** seu, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos a partir de um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro e, ainda que se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão de qualquer maneira.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada **do eu-lírico**. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: o que **o eu-lírico** deseja encontrar?

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, **o eu-lírico** se vê por meio de um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas **o desejo de** luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. **O eu-lírico** não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o



cansaço **do eu-lírico** diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu povo do interminável ciclo de violência e marginalização.

Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo de luta e insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo e se esconde cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, **o eu-lírico** consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito **do seu povo** é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. **O eu-lírico** reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão **de todos os** sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos com o seu, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras, colocadas **à margem da** sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos **a partir da** perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, **a partir da** linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado **do negro, os** trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. **São Paulo: Quilombhoje**, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, Escritora Afro brasileira. [S. I.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.



BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.

CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press, U.S, 1 edition. 2008.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.

MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.

SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the



margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx \(5058 termos\)](#)

Arquivo 2: <https://www.pensador.com/frase/MjcxMDI3Mw> (235 termos)

Termos comuns: 122

Similaridade: 2,35%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <https://www.pensador.com/frase/MjcxMDI3Mw>

=====

VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história por meio de vozes deixadas à margem da sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando por meio de seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de alguns de seus poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória negra na literatura nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar da mulher negra que, por meio de versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro e contra a mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência.
(Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar em todas as formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julgam que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, entre os quais o da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm, o direito à criatividade e à palavra silenciada.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa



patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e é preciso que clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por tê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, no sentido de afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta de uma mãe e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou do grupo Quilombhoje, estreando na literatura em 1990, com diversas obras publicadas na série Cadernos Negros. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.

Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):



DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos que o poema é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social da mulher negra, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que a mulher negra é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataulfo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a da mulher negra como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos senhores de escravos e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os



valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo da mulher negra, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro do grupo Quilombhoje. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra e a luta contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar o poder de construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes de que o marco nunca é zero, e, apesar de sermos um novo começo, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).

Assim como as outras poetisas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às



mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder

Um momento bastante significativo para a Literatura afro-brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os Cadernos negros, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos Malungos e Milongas, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, Orukomi – meu nome, de 2007, e há três décadas é coautora dos Cadernos Negros, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em Cadernos Negros: os melhores poemas, de 1998.

OLHAR NEGRO

Naufragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,

Tem
Pe
Da
Ços



mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Nafragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher

Tem
Pe



Da
Ços,

mas
não desisto
vou
atravessando o meu oceano
vou
navegando
vou
buscando meu
olhar negro
perdido no azul do tempo
vou
vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos	5 (n° de sílabas poéticas)
de mim	2
sob o poente	3
 mas,	 1
 vou me recompondo	 5
com o Sol	3
nascente,	2

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1

Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:



mas,	1
diante da vítrea lâmina	6
do espelho,	2
vou	1
refazendo em mim	5
o que é belo	3
Naufragam fragmentos	5
de mim	2
na coca	2
mas, junto os cacos, reinvento	7
sinto o perfume de um novo tempo	10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado pelo eu lírico. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alcançar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu-lírico da mulher negra demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstróem com a chegada do novo dia: “**Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente**”. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: “**Mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou refazendo em mim o que é belo**”. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se



afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “**tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões**”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] **tem fragmentos no feminismo procurando** o meu olhar, mas **seguindo com a certeza de** ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias **de mulheres negras**, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “**mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vô**”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Procuro
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).

À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo



instaurado no poema é criado por meio de versos curtos, e a ideia de angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. O eu-lírico comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra o quanto o eu-lírico está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se a partir do uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente de luta e de resistência, uma vez que o eu-lírico projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar **o que é** seu, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos a partir de um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro e, ainda que se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão de qualquer maneira.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada do eu-lírico. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: o que o eu-lírico deseja encontrar?

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, o eu-lírico se vê por meio de um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas o desejo de luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. O eu-lírico não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o cansaço do eu-lírico diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu povo do interminável ciclo de violência e marginalização.



Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo de luta e insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo e se esconde cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, o eu-lírico consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito do seu povo é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. O eu-lírico reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão de todos os sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos com o seu, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetisas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetisas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado do negro, os trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. São Paulo: Quilombhoje, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, Escritora Afro brasileira. [S. l.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.

BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.



CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press, U.S, 1 edition. 2008.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.

MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.

SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version



of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against and black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx \(5058 termos\)](#)

Arquivo 2: https://www.pensador.com/autor/esmeralda_ribeiro (893 termos)

Termos comuns: 130

Similaridade: 2,23%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** https://www.pensador.com/autor/esmeralda_ribeiro

=====

VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história por meio de vozes deixadas à margem da sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando por meio de seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de alguns de seus poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória negra na literatura nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar da mulher negra que, por meio de versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro e contra a mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência.
(Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar em todas as formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julgam que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, entre os quais o da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm, o direito à criatividade e à palavra silenciada.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa



patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e é preciso que clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por tê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, no sentido de afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta de uma mãe e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou do grupo Quilombhoje, estreando na literatura em 1990, com diversas obras publicadas na **série Cadernos Negros**. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.

Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):



DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos que o poema é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social da mulher negra, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que a mulher negra é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataulfo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a da mulher negra como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos senhores de escravos e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os



valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo da mulher negra, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro do grupo Quilombhoje. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra e a luta contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar o poder de construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes de que o marco nunca é zero, e, apesar de sermos um novo começo, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).

Assim como as outras poetisas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às



mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder

Um momento bastante significativo para a Literatura afro-brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a **jornalista e escritora brasileira** Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os Cadernos negros, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos **Malungos e Milongas**, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, **Orukomi – meu nome**, de 2007, e há três décadas é coautora dos Cadernos Negros, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em Cadernos Negros: os melhores poemas, de 1998.

OLHAR NEGRO

**Naufragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,**

**Tem
Pe
Da
Ços**



mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Nafragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher

Tem
Pe



Da
Ços,

mas
não desisto
vou
atravessando o meu oceano
vou
navegando
vou
buscando meu
olhar negro
perdido no azul do tempo
vou
vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos	5 (n° de sílabas poéticas)
de mim	2
sob o poente	3
 mas,	 1
 vou me recompondo	 5
com o Sol	3
nascente,	2

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1

Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:



mas,	1
diante da vítrea lâmina	6
do espelho,	2
vou	1
refazendo em mim	5
o que é belo	3
Naufragam fragmentos	5
de mim	2
na coca	2
mas, junto os cacos, reinvento	7
sinto o perfume de um novo tempo	10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado pelo eu lírico. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de **Esmeralda Ribeiro** percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alcançar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu-lírico da mulher negra demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstróem com a chegada do novo dia: **“Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”**. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: **“Mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”**. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se



afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “**tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões**”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] **tem fragmentos no feminismo procurando** o meu olhar, mas **seguindo com a certeza de** ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias **de mulheres negras**, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “**mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vô**”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia **a possibilidade de** lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Procuro
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).

À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo



instaurado no poema é criado por meio de versos curtos, e a ideia de angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. O eu-lírico comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra o quanto o eu-lírico está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se a partir do uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente de luta e de resistência, uma vez que o eu-lírico projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar **o que é** seu, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos a partir de um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro e, ainda que se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão de qualquer maneira.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada do eu-lírico. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: o que o eu-lírico deseja encontrar?

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, o eu-lírico se vê por meio de um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas o desejo de luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. O eu-lírico não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o cansaço do eu-lírico diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu povo do interminável ciclo de violência e marginalização.



Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo de luta e insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo e se esconde cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, o eu-lírico consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito do seu povo é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. O eu-lírico reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão de todos os sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos com o seu, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetisas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetisas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado do negro, os trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. São Paulo: Quilombhoje, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, **Escritora Afro brasileira**. [S. l.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.

BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.



CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press, U.S, 1 edition. 2008.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.

MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.

SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version



of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against and black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx \(5058 termos\)](#)

Arquivo 2: <https://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011> (2901 termos)

Termos comuns: 150

Similaridade: 1,92%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <https://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011>

=====

VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história **por meio de** vozes deixadas à margem da sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando **por meio de** seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de alguns de seus poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória **negra na literatura** nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar **da mulher negra** que, **por meio de** versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro e contra a mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência.
(Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar em todas as formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julgam que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, **entre os quais o** da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm, o direito à criatividade e à palavra silenciada.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa



patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e é preciso que clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram **que a escrita** literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por sê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, **no sentido de** afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem a rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta de uma mãe e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou do grupo Quilombhoje, estreando **na literatura em** 1990, com diversas obras publicadas na série Cadernos Negros. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.

Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):



DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos que o poema é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social **da mulher negra**, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que a mulher negra é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataufo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a **da mulher negra** como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo **o outro, que** significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos senhores de escravos e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os



valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo **da mulher negra**, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, **como o outro**, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves **nasceu em São Paulo**, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a **literatura afro-brasileira** e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro do grupo Quilombhoje. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra e a luta contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar o poder de construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes de que o marco nunca é zero, e, apesar de sermos um novo começo, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).

Assim como as outras poetisas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às



mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder

Um momento bastante significativo para a **Literatura afro-brasileira** ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida **em São Paulo** em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, **a partir do** resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação **da mulher negra na literatura**. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os Cadernos negros, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos **Malungos e Milongas**, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, Orukomi – meu nome, de 2007, e há três décadas é coautora dos Cadernos Negros, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em **Cadernos Negros: os melhores poemas**, de 1998.

OLHAR NEGRO

**Nafragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,**

**Tem
Pe
Da
Ços**



mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Nafragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher

Tem
Pe



Da
Ços,

mas
não desisto
vou
atravessando o meu oceano
vou
navegando
vou
buscando meu
olhar negro
perdido no azul do tempo
vou
vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu **ponto de vista**, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos	5 (n° de sílabas poéticas)
de mim	2
sob o poente	3
 mas,	 1
 vou me recompondo	 5
com o Sol	3
nascente,	2

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1

Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:



mas,	1
diante da vítrea lâmina	6
do espelho,	2
vou	1
refazendo em mim	5
o que é belo	3
Naufragam fragmentos	5
de mim	2
na coca	2
mas, junto os cacos, reinvento	7
sinto o perfume de um novo tempo	10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado pelo eu lírico. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alcançar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu-lírico **da mulher negra** demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstruem com a chegada do novo dia: **“Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”**. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: **“Mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”**. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se



afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “**tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões**”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] **tem fragmentos no feminismo procurando** o meu olhar, mas **seguindo com a certeza de** ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “**mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vô**”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia **a possibilidade de** lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Procuro
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).

À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo



instaurado no poema é criado **por meio de** versos curtos, e a ideia de angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. O eu-lírico comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra o quanto o eu-lírico está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se **a partir do** uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente **de luta e de** resistência, uma vez que o eu-lírico projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar **o que é** seu, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos **a partir de** um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro **e, ainda que** se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão de qualquer maneira.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada do eu-lírico. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: o que o eu-lírico deseja encontrar?

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, o eu-lírico se vê **por meio de** um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas **o desejo de** luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. O eu-lírico não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o cansaço do eu-lírico diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu povo do interminável ciclo de violência e marginalização.



Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo **de luta e** insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo e se esconde cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, o eu-lírico consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito do seu povo é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. O eu-lírico reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão de todos os sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos **com o seu**, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetisas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetisas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado do negro, os trazem consigo, e **a partir de** ponderações sobre essa luta, oxalá **que um dia** possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. São Paulo: Quilombhoje, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, Escritora Afro brasileira. [S. l.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.

BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.



CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press, U.S, 1 edition. 2008.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.

MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.

SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version



of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against and black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#) (5058 termos)

Arquivo 2: <http://files.portalcursouniversitario.webnode.com.br/200000042-1897119914/Cadernos negros UFBA.doc> (5528 termos)

Termos comuns: 142

Similaridade: 1,35%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

<http://files.portalcursouniversitario.webnode.com.br/200000042-1897119914/Cadernos negros UFBA.doc>

=====
VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história por meio de vozes deixadas **à margem da** sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando por meio de seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de alguns de seus poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória negra na literatura nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar da mulher negra que, por meio de versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro e contra **a mulher negra**.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência. (Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar **em todas as** formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julguem que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, entre os quais o da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm,



o direito à criatividade e à palavra silenciada.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e **é preciso que** clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetisas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por tê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, **no sentido de** afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetisas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta **de uma mãe** e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou do grupo Quilombhoje, estreando na literatura em 1990, com diversas obras publicadas na série Cadernos Negros. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.



Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):

DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos **que o poema** é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social da mulher negra, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que **a mulher negra** é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataulfo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre **a mulher negra**, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a da mulher negra como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta **das mulheres negras** escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais **dos senhores de** escravos e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que **a mulher negra** foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção



identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo da mulher negra, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro do grupo Quilombhoje. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra e a luta contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar o poder de construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes de que o marco nunca é zero, e, apesar de sermos um novo começo, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).



Assim como as outras poetisas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder.

Um momento bastante significativo para a Literatura afro-brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias **no campo cultural** e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, **os Cadernos negros**, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos Malungos e Milongas, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, Orukomi – meu nome, de 2007, e há três décadas é coautora dos Cadernos Negros, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em Cadernos Negros: os melhores poemas, de 1998.

OLHAR NEGRO

Nafragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,

Tem
Pe
Da



Ços

mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Nafragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher



Tem
Pe
Da
Ços,

mas
não desisto
vou
atravessando o meu oceano
vou
navegando
vou
buscando meu
olhar negro
perdido no azul do tempo
vou
vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que **chama a atenção** do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é **a mulher negra**, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante **em todo o** poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e **a forma do** poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos	5 (nº de sílabas poéticas)
de mim	2
sob o poente	3
mas,	1
vou me recompondo	5
com o Sol	3
nascente,	2

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1



Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:

mas, 1
diante da vítrea lâmina 6
do espelho, 2
vou 1
refazendo em mim 5
o que é belo 3

Naufragam fragmentos 5
de mim 2
na coca 2
mas, junto os cacos, reinvento 7
sinto o perfume de um novo tempo 10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado pelo eu lírico. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alçar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu-lírico da mulher negra demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstróem com a chegada do novo dia: “Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: “Mas, diante da vítrea lâmina



do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “**tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões**”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] **tem fragmentos no feminismo procurando** o meu olhar, mas **seguindo com a certeza de** ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “**mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vôo**”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Proкуро
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).



À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo instaurado no poema é criado por meio de versos curtos, e a ideia de angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. O eu-lírico comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra o quanto o eu-lírico está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se a partir do uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente **de luta e de resistência**, uma vez que o eu-lírico projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar **o que é seu**, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos a partir de um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro e, ainda que se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão de qualquer maneira.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada do eu-lírico. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: o que o eu-lírico deseja encontrar?

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, o eu-lírico se vê por meio de um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas o desejo de luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. O eu-lírico não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o



cansaço do eu-lírico diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu povo do interminável ciclo de violência e marginalização.

Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo **de luta e** insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo **e se esconde** cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, o eu-lírico consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito **do seu povo** é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. O eu-lírico reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão **de todos os** sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos com o seu, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso **das mulheres negras**, colocadas **à margem da** sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetas são **como uma nova** versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado **do negro, os** trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. São Paulo: Quilombhoje, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, Escritora Afro brasileira. [S. l.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.



- BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.
- CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.
- CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.
- DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press, U.S, 1 edition. 2008.
- EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.
- LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.
- MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.
- SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.
- VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the



margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx \(5058 termos\)](#)

Arquivo 2: <https://kukalesa.wordpress.com/tag/poesia-afrobrasileira> (6231 termos)

Termos comuns: 148

Similaridade: 1,32%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <https://kukalesa.wordpress.com/tag/poesia-afrobrasileira>

=====

VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história por meio de vozes deixadas à margem da sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando por meio de seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de alguns de seus poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória negra na literatura nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar **da mulher negra** que, por meio de versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro e contra a mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência.
(Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar **em todas as** formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julgam que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, entre os quais o da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com **a vida dos** que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm, o direito à criatividade e à palavra silenciada.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa



patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e é preciso que clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por tê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, **no sentido de** afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta de uma mãe e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o **Rio de Janeiro**, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou do grupo Quilombhoje, estreando na literatura em 1990, com diversas obras publicadas na série Cadernos Negros. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.

Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):



DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, **o que me** arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos que o poema é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social **da mulher negra**, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas **em que a** mulher negra é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataulfo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a **da mulher negra** como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos **senhores de escravos** e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os



valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo **da mulher negra**, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates **sobre a literatura** afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro do grupo Quilombhoje. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra **e a luta** contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar **o poder de** construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes **de que o** marco nunca é zero, e, apesar de sermos **um novo começo**, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).

Assim como as outras poetisas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às



mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder .

Um momento bastante significativo para a Literatura afro-brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de **combate ao racismo** e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação **da mulher negra** na literatura. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os Cadernos negros, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos Malungos e Milongas, de 1988, **em que a** condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, Orukomi – meu nome, de 2007, e há três décadas é coautora **dos Cadernos Negros**, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em Cadernos Negros: os melhores poemas, de 1998.

OLHAR NEGRO

**Naufragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,**

**Tem
Pe
Da
Ços**



mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Nafragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher

Tem
Pe



Da
Ços,

mas
não desisto
vou
atravessando o meu oceano
vou
navegando
vou
buscando meu
olhar negro
perdido no azul do tempo
vou
vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos	5 (n° de sílabas poéticas)
de mim	2
sob o poente	3
 mas,	 1
 vou me recompondo	 5
com o Sol	3
nascente,	2

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1

Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:



mas,	1
diante da vítrea lâmina	6
do espelho,	2
vou	1
refazendo em mim	5
o que é belo	3
Naufragam fragmentos	5
de mim	2
na coca	2
mas, junto os cacos, reinvento	7
sinto o perfume de um novo tempo	10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado pelo eu lírico. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravismo do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alcançar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu-lírico da mulher negra demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstróem com a chegada do novo dia: “Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: “Mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se



afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “**tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões**”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] **tem fragmentos no feminismo procurando** o meu olhar, mas **seguindo com a certeza de** ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “**mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vô**”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Procuro
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).

À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo



instaurado no poema é criado por meio de versos curtos, e a **ideia de** angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. O eu-lírico comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra **o quanto** o eu-lírico está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se a partir do uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente de luta e de resistência, uma vez que o eu-lírico projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar **o que é** seu, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos a partir de um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro e, ainda que se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão **de qualquer maneira**.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada do eu-lírico. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: o que o eu-lírico deseja encontrar?

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, o eu-lírico se vê por meio de um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas o desejo de luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. O eu-lírico não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o cansaço do eu-lírico diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu povo do interminável ciclo de violência e marginalização.



Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo de luta e insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo e se esconde cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, o eu-lírico consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito do seu povo é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. O eu-lírico reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão **de todos os** sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos com o seu, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetisas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetisas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado **do negro, os** trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. São Paulo: Quilombhoje, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, **Escritora Afro brasileira**. [S. l.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.

BERND, Zilá (Org.). **Poesia negra brasileira**: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.



CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, **Ministério da Cultura**, 1998.

CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: **Revista de Estudos Literários**. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press,U.S, 1 edition. 2008.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. **Rio de Janeiro**: Editora Pallas, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.

MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.

SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version



of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against and black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.
<http://www.unioeste.br/travessias>



=====
Arquivo 1: [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx \(5058 termos\)](#)

Arquivo 2: <https://pt.scribd.com/document/214821665/antologiapoetasnegras-corpotexto> (336 termos)

Termos comuns: 1

Similaridade: 0,01%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Vozes Mulheres Travessias.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

<https://pt.scribd.com/document/214821665/antologiapoetasnegras-corpotexto>

=====

VOZES MULHERES: RESISTÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

RESUMO: O presente artigo traz como tema a poesia afrofeminina como via de ressignificação da história por meio de vozes deixadas à margem da sociedade pelo discurso histórico oficial. A pesquisa se justifica pela pouca visibilidade destas poetisas negras, que realizam um trabalho de denúncia e sensibilidade, apresentando por meio de seus versos, uma nova versão dos fatos que desde sempre são contados pelo viés do vencedor no Brasil. O artigo trata da vida e da obra das poetisas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, trazendo também a análise de alguns de seus poemas. A metodologia utilizada parte da revisão bibliográfica, sendo utilizado o método da crítica sociológica, e contribuições de teóricos para a análise poética, como Goldstein (1985); Bernd (1992) entre outros, e também estudos que tratam da trajetória negra na literatura nacional, como Proença Filho (2004); Medium (2017) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetisas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar da mulher negra que, por meio de versos que transbordam força e resistência, são verdadeiros atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro e contra a mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia afrofeminina; poetisas negras; Vozes mulheres.

A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente. É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo. É a suprema Resistência.
(Lawrence Ferlinghetti).

1 INTRODUÇÃO

Nesses tempos sombrios em que vivemos, pensar em todas as formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, embora saibamos que até mesmo na academia, ou justamente por ser na academia, há os que julguem que mesmo nas atuais circunstâncias, devêssemos continuar a falar de flores, especialmente quando falamos de literatura e de feminino. Entretanto, rompendo com os paradigmas ocidentalizantes, com as convenções do gosto burguês, entre os quais o da aversão pela literatura empenhada, e mesmo a contrapelo deles, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, quer no Brasil, quer em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm, o direito à criatividade e à palavra silenciada.



Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seus espaços precisa ser criada rente à prosa pesada, mortal de denúncia, revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos, e é preciso que clareie os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária e, nesse caso, a poesia lírica, é expressão de resistência. E por sê-lo, logrou os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. A poesia lírica guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, no sentido de afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra status quo. A escrita com que se faz a poesia da libertação é marcada pela raiva como instrumento de reação, mostrada em um texto no qual o sujeito é uma das principais matérias.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao establishment patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho hercúleo que as poetas Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as quatro já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências. Conceição Evaristo, para quem não a conhece e queira vir pesquisar sobre sua vida, sua obra ou sua temática, nasceu em 1946 em uma família muito pobre, composta de uma mãe e nove irmãos que moravam em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte. Para sobreviver e poder estudar trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e fez graduação em Letras na UFRJ. Desde a década de 1980 participou do grupo Quilombhoje, estreando na literatura em 1990, com diversas obras publicadas na série Cadernos Negros. Fez mestrado em literatura brasileira pela PUC-Rio, e doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Esses poucos dados biográficos estão aqui, também, para nos lembrar de que se hoje nós das Letras, na condição de trabalhadores, enfrentamos muitas adversidades, Conceição Evaristo enfrentou muito mais, e depois que conseguiu ultrapassar os muitos obstáculos não se acomodou no gozo da vidinha privada, ao contrário, foi para a resistência cultural conquistar espaços para a sua etnia. Nesse sentido, sua biografia não é um convite para a acomodação, para o marasmo, mas sim para a indignação, não como ação indigna de fervor do momento.

Apresentamos e propomos uma análise do seu poema “Do fogo que em mim arde” (2008):



DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu (EVARISTO, 2008, p. 19).

Percebemos que o poema é composto de atitude responsiva ativa, uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos te, pronome oblíquo átono, e teu, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social da mulher negra, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher fogosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que a mulher negra é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Nesse mesmo sentido podemos ler também a letra da música Mulata Assanhada (1956), de Ataulfo Alves, que se encaixa como luva na figura do interlocutor a quem o poema se contrapõe. Nessa resposta o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a da mulher negra como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana. Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Se ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos senhores de escravos e, por conta disso, serem assadas ao forno pelas sinhás ciumentas, se o primeiro fogo é metáfora de toda barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar, então a metáfora do segundo fogo, o outro, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação



desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os valores, as representações e os sentidos dessa identidade.

Sobre o estereótipo da mulher negra, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta.

Miriam Alves ou Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, em 1952, é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, além de assistente social e professora. Publicou os livros de poemas Momentos de Busca (1983), Estrelas nos Dedos (1985), a peça Terramara (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios Brasilafro autorrevelado (2010) e a coletânea de contos Mulher Mat(r)iz (2011). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989. Foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publicou poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement (Estados Unidos), Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing (Inglaterra) e Schwarze poesie: Poesia Negra (Alemanha).

Conforme relatou para a revista estadunidense Callaloo (1995), Miriam Alves começou a escrever aos onze anos e, partir de 1980 começou a compor o quadro do grupo Quilombhoje. É criadora de uma vastíssima obra, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras. Como escritora negra, participou de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, sempre tendo como foco de interesse a produção feminina e negra e a luta contra a herança maldita que a escravidão nos deixou. Miriam Alves afirma:

Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial preocupa-se em nos acusar de culpados e indulgentes para cobrir as próprias culpas e indulgência. É também ter a felicidade de herdar o poder de construir um novo legado que deixe os futuros herdeiros mais felizes e conscientes de que o marco nunca é zero, e, apesar de sermos um novo começo, antes e depois sempre existiram pessoas, passos flores e dores, esta é a construção cotidiana da esperança (ALVES, 2013, n. p.).



Assim como as outras poetas, Miriam Alves usa todos os espaços discursivos para denunciar e se opor às mais variadas formas de racismo e de estratégias de branqueamento intrinsecamente ligadas às relações de poder, quer sejam episódios pertencentes à esfera do simbólico, como piadas, ironias, chistes e sátiras nas redes sociais – aparentemente disfarçados na criação de estereótipos caracterizados como humorísticos – quer sejam em casos efetivos do cotidiano da vida social ou nas propagandas veiculadas pela mídia. A poeta também busca por traçar rotas alternativas às comunidades que representa, culminando em uma tomada de consciência da própria identidade em busca da emancipação. Sua obra expõe as possibilidades existentes da expressão do descontentamento, manifestando nela um protesto aberto de reivindicações, desnudando a acentuada assimetria imposta aos negros pelas relações de poder

Um momento bastante significativo para a Literatura afro-brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que em certa medida contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário.

Uma grande representante desse movimento é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os Cadernos negros, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos Malungos e Milongas, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, Orukomi – meu nome, de 2007, e há três décadas é coautora dos Cadernos Negros, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em Cadernos Negros: os melhores poemas, de 1998.

OLHAR NEGRO

Nafragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,

Tem
Pe
Da
Ços



mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Naufragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando
meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher

Tem



Pe
Da
Ços,

mas
não desisto
vou
atravessando o meu oceano
vou
navegando
vou
buscando meu
olhar negro
perdido no azul do tempo
vou
vôo (RIBEIRO, 1998, p. 64-66).

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

Naufragam fragmentos	5 (n° de sílabas poéticas)
de mim	2
sob o poente	3
mas,	1
vou me recompondo	5
com o Sol	3
nascente,	2

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1

Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:



mas,	1
diante da vítrea lâmina	6
do espelho,	2
vou	1
refazendo em mim	5
o que é belo	3

Naufragam fragmentos	5
de mim	2
na coca	2
mas, junto os cacos, reinvento	7
sinto o perfume de um novo tempo	10

Portanto sobre a estrutura geral do poema é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sintonia e as rimas são livres. Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, a conjunção adversativa, mas, divide o expressado pelo eu lírico. Com o uso dessa conjunção se dá mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, pois conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos comprometidos com a real dimensão da etnia.

O olhar negro trazido no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alçar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu-lírico da mulher negra demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstruem com a chegada do novo dia: “Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: “Mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”. Nas quarta e quinta estrofes ela revela que em



determinados momentos de fraqueza tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões”. E, nesse sentido, o eu-lírico ilustra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] tem fragmentos no feminismo procurando o meu olhar, mas seguindo com a certeza de ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85).

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “mas não desisto vou atravessando o meu oceano vou navegando vou buscando meu olhar negro perdido no azul do tempo vou vô”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. Apresentamos agora o poema Desencontro, de Angela Lopes Galvão, bem como uma proposta de análise deste:

DESENCONTRO

Procuro
no espelho desses rostos negros
nessa pele marcada
nesse ombro curvado,
ainda que forte
nessas mãos atadas
ainda que vazias
o desejo de luta
que... sucumbo ante a espera
e encontro o medo
e sob ele
ainda perceptível
o grito quase inaudível
sufocado pelo próprio riso
que retesa o pranto
contido
guardado
o coração pulsando
como que cronometrando
os segundos
que restam
para a inevitável explosão (GALVÃO, 1978).



À nível gráfico-visual-sonoro, o poema é organizado em versos livres, sem divisão de estrofes. O ritmo instaurado no poema é criado por meio de versos curtos, e a ideia de angústia é reforçada por conta dos verbos que se dividem em diferentes versos, para complementar a imagem criada na metade inicial do poema: a impotência diante da espera pela luta. O ritmo, dessa forma, “deve ter uma relação com a época ou a situação em que é produzido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 06).

O recorte feito das temáticas escravidão e racismo aparece como mote para discutir a necessidade de lutar e não aceitar passivamente a violência dirigida a si e ao seu povo. O eu-lírico comporta-se, entretanto, de modo a demonstrar o quanto a passividade – rítmica, estrutural – o incomoda e o cansa. Além disso, a única palavra iniciada com letra maiúscula é o verbo procuro, e a ênfase que recai sobre este termo demonstra o quanto o eu-lírico está envolvido com o ato de procurar.

As imagens construídas no interior do poema moldam-se a partir do uso de sons majoritariamente oclusivos. Para Martins (2008), as consoantes oclusivas surdas [p], [t] e [k] demonstram uma expressão mais forte do que as sonoras. Nesse sentido, o uso desses sons reforça o ambiente de luta e de resistência, uma vez que o eu-lírico projeta a todo instante o seu desejo de lutar e de reivindicar o que é seu, ainda que o seu espelho – os outros, esses rostos negros – se silenciem e tenham suas mãos atadas de modo passivo, ao menos a partir de um olhar superficial. As consoantes oclusivas estão, assim, gerando a todo novo verso uma nova explosão, uma nova energia de força e de enfrentamento. O processo de aliteração reforça esse clima de enfrentamento e explosão, pois os fonemas [t] e [p] são repetidos inúmeras vezes durante o poema.

Ao refletir sobre a escolha lexical do poema, pode-se perceber a repetição do termo ainda por três vezes. Ao modificar o sentido das palavras que o acompanha, o poeta ainda sinaliza para a percepção de que apesar dos ombros curvados, existe força lá, apesar das mãos atadas, elas estão vazias e apesar de ser apenas um grito inaudível, é possível ouvi-lo. Dessa forma, são feitas ressalvas a esse corpo e a esse rosto negro. Esse espelho em que se refletem a impotência e a submissão em sua aparência, guarda a sua força e sua voz, que algum dia se farão vistas e ouvidas.

Já o adjetivo inevitável carrega de sentido o substantivo explosão: a explosão do desejo de luta acontecerá eventualmente e não há forma de evitá-la, afinal, surge com uma força carregada pelos anos de escravidão e de massacre direcionados ao povo negro e, ainda que se procure silenciar ou amenizar esses instintos, eles surgirão de qualquer maneira.

O título do poema, Desencontro, aponta para uma situação não conciliada do eu-lírico. Segundo o dicionário on-line Michaelis, a palavra desencontro pode significar o “ato ou efeito de desencontrar(-se), de não se achar no lugar previsto ou combinado; tomada de direção oposta à de outra pessoa; desacerto”. Além disso, pode ser entendida como divergência ou discrepância, nesse sentido, uma pergunta é levantada: **o que o eu-lírico deseja encontrar?**

O eu-lírico inicia o poema com um verbo na primeira pessoa do singular, no modo indicativo: procuro. Em seguida, o eu-lírico se vê por meio de um espelho, elemento que reflete uma imagem idêntica, sendo possível considerar, assim, que procura uma identificação com os outros rostos negros com os quais se depara durante a sua vida.

Os outros rostos são marcados pelo sofrimento de um povo escravizado e submetido ao controle por meio da violência e do racismo institucionalizado. Esses corpos estão curvados, ainda que fortes, mas suas mãos estão atadas. A força desse povo está inscrita em seus corpos e em seus rostos, mas o desejo de luta, nessas mãos vazias, ainda se mostra fraco. O eu-lírico não suporta a espera: sucumbe diante desse desejo ancestral de lutar, de se rebelar diante de uma sociedade racista. As reticências demonstram o cansaço do eu-lírico diante da interminável espera pela luta que finalmente libertará a si mesmo e a seu



povo do interminável ciclo de violência e marginalização.

Ao encarar os rostos negros, tão similares ao seu, encontra o medo e, entrando mais profundamente nesse medo, encontra o grito sufocado por açoites, pela violência generalizada e pela institucionalização do sofrimento direcionado ao povo negro. O grito constitui uma imagem tanto de dor quanto de luta. Quem grita mostra ao mundo o que está sentindo: rancor, medo, insegurança, sofrimento, desejo de luta e insatisfação. O grito desse povo é quase inaudível, inaudível qualifica o substantivo. É um grito que tentaram silenciar durante muito tempo e, por isso, se torna cada vez mais baixo e se esconde cada vez mais em camadas e camadas de dor. Entretanto, não é totalmente silencioso, o eu-lírico consegue observar e ouvir esse grito, porque o grito do seu povo é também o seu.

As batidas do coração parecem cronometrar o desenrolar: a luta, enfim; a rebelião contra as imposições sociais, contra um racismo estruturado desde a escravidão. O eu-lírico reconhece sua impotência diante da luta, mas aponta para o desejo e para os sinais de revolta nos rostos e corpos marcados de seus semelhantes. Ele não vê por completo a passividade, mas sim, a longa espera para a explosão de todos os sentimentos guardados e todo o sofrimento engolido. Desse modo, poderá enfim se livrar de seu desencontro: poderá finalmente encontrar nos rostos tão parecidos com o seu, o desejo e a força para lutar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obras das poetisas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem, em seus versos, uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetisas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos, antes eram escondidos, enterrados.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres que traduzem em versos uma luta histórica de humilhação e dor. Portanto ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado do negro, os trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Estrelas nos dedos. São Paulo: Quilombhoje, 1985.

ALVES, Miriam. Momentos de busca. São Paulo: Ed. da Autora, 1983.

MIRAM ALVES, Escritora Afro brasileira. [S. l.] 2013. Disponível em <http://escritoramiriamalves.blogspot.com/>. Acesso em 15 jul. 2020.

BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.



CADERNOS NEGROS. Os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

CADERNOS NEGROS 1. Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras In: Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

DUKE, Dawn. Literary Passion, Ideological Commitment. In: Toward a Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers. Bucknell University Press, U.S, 1 edition. 2008.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERLINGHETTI, Lawrence. A Poesia como Arte Insurgente. Tradução de Inês Dias. Lisboa. Relógio d'Água, 2016.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Versos, sons, ritmos. Editora Ática, 1985.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. Edusp, São Paulo: 2008.

MEDIUM, Jarid Arraes do. Poetas negras da literatura brasileira. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso: 14 dez. 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. Estudos Avançados, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.

SETENTA, Jussara Sobreira. O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILARIÑO, Idea. La masa sonora del poema. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

Title

Feminine voices: resistance and reformulation of women identity in black literature.

Abstract

This article focuses on Afro-feminine poetry as a means of redefining history through voices left at the margins of society by official historical discourse. The research is justified by the low visibility of these black



poets, who perform a work of denunciation and sensitivity, presenting, through their verses, a new version of the facts that have always been told through the influence of the bourgeois elite in Brazil. The article deals with the life and work of the poets Angela Lopes Galvão, Conceição Evaristo, Miriam Alves, and Esmeralda Ribeiro, also analyzing some of their poems. The methodology is based on the literature review, using the method of sociological criticism, as well as theoretical texts for poetic analysis, such as Goldstein (1985); Bernd (1992) among others and also studies that deal with the black path in the national literature, such as Proença Filho (2004); Medium (2017) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective which starts from the eyes of the black woman that, through verses that overflow with strength and resistance. These productions are, in fact, political acts against centuries of discrimination against and black men and women.

Keywords

Afro-feminine poetry. Black poets. Women voices.

Recebido em:

Aceito em:

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>

Travessias, Cascavel, v. XX, n. X, p. XXX – XXX, xxx./xxx. 201X.

<http://www.unioeste.br/travessias>